



2025

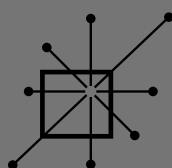
V.18

História da Historiografia

International Journal of Theory
and History of Historiography



ISSN 1983-9928



Sociedade Brasileira
de Teoria e História da
Historiografia



UNIRIO



UFOP



Artigo Original

AO

Original Article (OA)





Historiografia, identidade e memória paraguaia: análises benjaminianas e deleuze-guattariana de La Tirania en el Paraguay

Paraguayan Historiography, identity and memory: benjaminian and deleuze-guattarian analyzes of La Tirania en el Paraguay

José Carlos dos Santos

professor-jose-carlos@hotmail.com

[https://orcid.org/0009-0002](https://orcid.org/0009-0002-1000-1000) 

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Sociedade, Cultura e Fronteiras, Foz do Iguaçu, PR, Brasil.

**Resumo**

O artigo explora a obra “La tiranía en el Paraguay” (1903) de Cecilio Báez, analisando como conceitos de Walter Benjamin, Gilles Deleuze e Félix Guattari auxiliam na compreensão da tradição, memória e territorialidade. Báez, inserido no contexto dos *Novecentos*, critica as tiranias e propõe uma reconfiguração da identidade paraguaia através da educação. A análise dialoga com Brezzo, Centurión, Corbo e Cerna Villagra para compreender o ecossistema historiográfico platense. As conclusões destacam que a obra de Báez, ao reinterpretar o passado mediante uma ótica romântica e evolucionista, contribui para a construção de identidades paraguaia forjada pela ciência de seu tempo, que considerava a biologia, a moral e os sentidos históricos fundadores da nacionalidade.

Palavras-chave

Historiografia. Identidade. Memória .

Abstract

The article explores Cecilio Báez’s work *La Tiranía en el Paraguay* (1903), analysing how the concepts of Walter Benjamin, Gilles Deleuze, and Félix Guattari aid in understanding tradition, memory, and territoriality. Báez, situated within the context of the *Novecentos*, criticises tyrannies and proposes a reconfiguration of Paraguayan identity through education. The analysis engages with Brezzo, Centurión, Corbo and Cerna Villagra to comprehend the Platense historiographical ecosystem. The conclusions highlight that Báez’s work, by reinterpreting the past through a romantic and evolutionist lens, contributes to the construction of Paraguayan identities shaped by the science of his time, which considered biology, morality, and historical senses as the foundations of nationality.

Keywords

Historiography. Identity. Memory.



Introdução

Trabalhar com fontes escritas pressupõe desde o início a necessidade de indicações claras sobre as formas de tratamento desse material. Neste artigo, pretende-se discutir a produção do pensamento historiográfico paraguaio a partir de uma revisão de alguns conceitos de Gilles Deleuze, Deleuze e Guattari e Walter Benjamin. O objetivo é colocá-los em diálogo para contribuir para o aprofundamento da compreensão do tema sobre a historiografia platina, com enfoque único na produção do autor paraguaio Cecílio Báez.

Se produzirá um foco sobre como um autor paraguaio de grande repercussão acadêmica na produção do pensamento – cerceado pelo tempo presente em recorrência ao passado significativo – poderia narrar sentidos para uma identidade regional a partir de dados culturais heterogêneos como cultura indígena, espanhola e crioula.

A questão da produção do conhecimento histórico será colocada nos moldes apresentados por Walter Benjamin. Na obra *“Theses on the Philosophy of History”*, de 1940, Benjamin afirmou que articular o passado historicamente não significa conhecê-lo como ele foi de fato. Significa apoderar-se de uma recordação tal como ela relampeja no instante de um perigo. Ou seja, o passado que reside no presente não é uma configuração ou duplicação do fato ocorrido. Ele é um apelo, uma recorrência em momentos de risco e conveniência, como se observa em textos escritos, noticiosos, poéticos, administrativos. Não são provas documentais; são apenas fragmentos do modo como seus autores agiam ou criavam representações simbólicas dos modos como interagiam no tempo.

Este artigo não discutirá profundamente o pensamento benjaminiano, mas o colocará em curto-circuito com outros pensadores para situar e interpretar a produção da obra historiográfica. O objetivo geral é apresentar uma obra produzida por um autor paraguaio e demonstrar suas tessituras, suas fontes e o modo como podemos perceber a dupla temporalidade da produção: o passado como memória rejuvenescida na escrita e o presente que o constrange a certos modos de interpretação.

A tese apresentada é sobre a necessidade de ultrapassar o molde proposto por Benjamin; não no sentido de apontá-lo como insignificante, mas de tecer outras configurações do mesmo problema. Para Benjamin, a história é entendida como um processo crítico e não linear, que deve ser constantemente reavaliado e libertado do conformismo. Benjamin argumenta que “a verdadeira imagem do passado escapa rápido e só pode ser capturada como uma imagem que no instante de sua cognoscibilidade relampeja e some para sempre.” (Benjamin, 1987, p. 225) Ele critica o modo de apresentar uma imagem eterna do passado e propõe que se deve apreender o passado de forma a reconhecer a relação entre as gerações passadas e a atual, destacando a importância de liberar a tradição do conformismo que a subjugaria. Nessa perspectiva, recuperar a produção historiográfica de um autor, pressupõe a necessidade de olhar o entorno, lançar um olhar no espaço e tempo para

subtrair sentidos implícitos por sua experiência.

Além da crítica sobre a conservação do passado na tradição, Benjamin menciona a conservação das fontes. Apoderar-se de recordações, mesmo que em um lampejo, é conservar delas alguns fragmentos como se fossem uma presentificação do passado. O autor ainda menciona a empatia entre o historiador e o acontecimento: "Significa apoderar-se de uma recordação [...]. É um procedimento de empatia. Sua origem é a inércia do coração, a acedia que falha em capturar a autêntica imagem histórica que relampeja fugaz." (Benjamin, 1987, p. 225)

A aproximação entre o passado e o presente pela letra do historiador é mediada pela fonte que este seleciona como princípio de suas narrativas. Benjamin afirma que os espólios como de costume são levados no cortejo triunfal, "são os chamados bens culturais [...] pois todos os bens culturais que ele contempla têm uma origem sobre a qual não pode refletir sem horror. Logo a escrita menciona o passado como um espírito que continua a existir no presente sem ruptura, contínuo." ((Benjamin, 1987, p. 263)

Assim, se posiciona contra um historicismo realista, absoluto. Em vez disso, ele propõe um conceito de tempo messiânico, inspirado pelo misticismo judaico, onde o tempo é visto como momentos de possibilidade revolucionária que podem interromper o curso histórico contínuo. Para demonstrar isto, apresenta o *Jetztzeit* ou "tempo-agora". Para Benjamin, certos momentos históricos têm a capacidade de se tornar portadores de um "tempo-agora" que se destaca do *continuum* temporal. Esses momentos podem ser vistos como interrupções no fluxo do tempo, permitindo que o passado seja reconfigurado no presente de maneira significativa. O escrito historiográfico nestes termos, é a reconfiguração do passado por um olhar estratégico do presente. É o perigo tomando uma forma.

Diante da tarefa de compreender a interpretação do tempo, apontamos Deleuze, e Deleuze e Guattari com reflexões que permitam um distanciamento necessário para compreender a tessitura entre uma posição social, o escrito e o tempo da produção historiográfica. Apontaremos como recurso teórico, como perceber a produção de uma obra e a consideração dos conceitos de *Jetztzeit* e os de território, reterritorialização e agenciamento de Deleuze e Guattari.

Embora não se possa afirmar que Deleuze e Guattari propõem uma metodologia de pesquisa histórica, sua filosofia pode enriquecê-la ao oferecer novas perspectivas e ferramentas conceituais para perceber narrativas estabelecidas e explorar a complexidade dos fenômenos históricos implícitos na obra. A adoção de suas ideias requer uma disposição para abraçar a complexidade, a multiplicidade e a interconexão de eventos com as narrativas históricas. O conceito de devir – que é essencialmente um conceito de temporalidade, está na base para compreender a territorialidade e agenciamento. É uma forma de pensar o momento de perigo, o tempo-agora de Benjamin com a potência, a possibilidade desses dois autores.



A obra que servirá de base para compor este ensaio, será o texto de Cecílio Báez, *La Tirania en el Paraguay*, publicado em 1903. Sua trajetória de autor, seu tempo e diálogos serão examinados mediante os conceitos deleuze-guattariano de território, reterritorialização e agenciamento.

Esses autores discutem a territorialidade principalmente em sua obra *Mil Platôs* (1980) e exploram a maneira como os territórios são formados, habitados e desfeitos. Para eles, a territorialidade não é apenas uma questão geográfica, mas envolve práticas sociais, culturais e simbólicas que delimitam espaços de significação e poder. Eles veem os territórios como produtos de processos dinâmicos e contínuos de desterritorialização e reterritorialização. A singularidade da obra e de um autor sofre este processo, que é resultado do exercício de práticas culturais e simbólicas; tal é o caso da obra de Báez.

Os territórios são desafiados pela desterritorialização. As polêmicas criadas no entorno da obra de Báez são o exemplo disso. Desterritorialização refere-se ao rompimento das ligações que mantêm um território coeso, enquanto reterritorialização é a reconfiguração ou estabelecimento de novas ligações e significados. O isolacionismo do Paraguai frente aos modos de produção historiográfico latino-americano é um forte exemplo de reconfiguração linguístico e cultural que foi impactado pela história regional deste país. Uma reconfiguração cultural é obra de um novo agenciamento que resultará na formação de conjuntos heterogêneos que criam territórios. Os agenciamentos são redes de relações que produzem subjetividades, identidades e espaços.

Será este agenciamento bem delimitado pelas vozes do tempo de Báez, que permitirá identificar o grupo dos “novecentos” e a especificidade temática de diversas obras, suas conexões e repulsas conforme o tempo político.

O resultado final desta análise, ao confrontar obras de revisão bibliográfica, pensamentos filosóficos e fonte historiográfica, é demonstrar o pensamento historiográfico em confronto com seu próprio objeto, ou seja, apontar um modo de fazer e dialogar com os signos da cultura do tempo presente. O artigo trará um exercício metodológico de interpretação de fonte historiográfica. Um autor paraguaio profundamente conhecido e reconhecido pela produção do pensamento historiográfico paraguaio e latino-americano, diplomata e político, será a fonte sobre a qual poderemos demonstrar devires sendo tecidos por sobre o tempo; territórios e reterritorializações e agenciamentos tecendo o século XIX no seu alvorecer cunhando uma identidade, uma população e cultura bem típicas no solo de natureza cultural ainda dúbia: indígena, espanhola ou crioula.

A fonte, o tempo, a obra e o autor

Benjamin disse que articular o passado historicamente não significa conhecê-lo como ele foi de fato. Significa apoderar-se de uma recordação tal como ela relampeja no instante de um

perigo. Com este parâmetro de pensamento, vamos mergulhar na obra e no tempo de Cecílio Báez: os perigos do seu tempo, que o instigaram a pensar a identidade cultural dos sujeitos envolvidos na temporalidade.

Nos anos 1900, o Paraguai vivia um período de grande instabilidade social e política, marcado por sucessivas crises e conflitos internos. A Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) havia deixado o país devastado, com uma população drasticamente reduzida e uma economia em ruínas. O país lutava para se reerguer, enfrentando desafios econômicos e sociais profundos. A elite política tentava implementar reformas para modernizar o país, mas encontrava resistência tanto da oligarquia local quanto da população rural, que sofria com a pobreza e a falta de oportunidades (Cerna Villagra *et al*, 2021).

Politicamente, o Paraguai do início do século XX foi marcado por frequentes mudanças de governo, golpes de estado e intervenções militares. Em 1904, uma revolução liberal pôs fim a um longo período de domínio do Partido Colorado, estabelecendo um novo governo liderado pelo Partido Liberal. No entanto, os liberais também enfrentaram divisões internas e resistência dos colorados, resultando em uma série de governos curtos e instáveis. O cenário político era caracterizado por alianças frágeis, traições e uma constante luta pelo poder entre as facções rivais.

A realidade social era igualmente desafiadora. A infraestrutura do país estava em desenvolvimento, com projetos de modernização como a construção de ferrovias e a instalação de serviços públicos básicos. No entanto, a maioria da população vivia em áreas rurais, onde a agricultura de subsistência era a norma e o acesso à educação e saúde era limitado. O governo buscava atrair imigrantes e investimentos estrangeiros para estimular o crescimento econômico, principalmente da Itália, Alemanha e Espanha, além da imigração de países vizinhos como o Brasil e a Argentina (Centurión, 1988).

Um cenário típico no século XIX, especialmente após a Guerra do Paraguai (1864-1870), descrito como um período de reconstrução e reorganização populacional (Cerna Villagra *et al*, 2021)

O censo demográfico paraguaio de 1887, conduzido durante o governo do General Patricio Escobar e dirigido por José Jacquet, registrou uma população total de 329.645 habitantes. Este número foi ajustado por Jacquet, que inicialmente estimou a população em 239.774, mas revisou os dados para 263.751 e, finalmente, para 329.645, refletindo a dificuldade de obter números precisos após a devastação da Guerra do Paraguai (1864-1870).

O censo registrou uma significativa disparidade de gênero, com uma proporção de aproximadamente 14 mulheres para cada homem. As estimativas indicam que o crescimento populacional entre 1870 e 1899 variou entre 18% e 22% ao ano, considerando o retorno de exilados e incentivos à imigração promovidos pelo governo (Potthast; Whigham, 1994, p. 621). Segundo ainda estes autores:



The 1887 census was fundamental for understanding Paraguay's population recovery after the war, providing a basis for comparisons with subsequent censuses such as the 1899 census, which recorded a population of 490,719 inhabitants (Potthast; Whigham, 1994, p. 639).

Ou seja, mesmo com fontes não seguras, o censo de 1887 serviu como parâmetro para medir o crescimento pós-guerra, o que vai se refletir no censo posterior de 1899, com uma população de 490.719 habitantes. É com este cenário que se confronta Cecílio Báez. A questão populacional, o pertencimento, conhecimento e defesa do território, a identidade nacional e governos corruptos.

A historiografia produzida neste tempo *epistolar*

Estas características populacionais, econômicas, de reestruturação causaram impactos em toda a cultura do período. Trata-se de uma razão factual. E é por sobre ela que se tecerá a questão da territorialidade Deleuze Guattariana e a *Jetztzeit* benjaminiana de modo especial, será o horizonte da questão epistemológica da historiografia regional dos Novecentos.

Segundo nos diz Bárbara Gómez (2020), o estudo desenvolvido pela historiografia platense contribui para compreender a formação de um ecossistema historiográfico em perspectiva comparada, que vai desde o exercício de uma profissão ao seu vínculo político com a temporalidade. Gómez utiliza os estudos de Corbo e faz delineamento do tempo em recuperação do contexto platense e a produção da epistemologia historiográfica regional. Segundo nos diz,

La historiografía como área de investigación dentro de la ciencia histórica se há desarrollado exponencialmente: *El adiós a los grandes maestros* debe considerarse como un aporte sustantivo a este desarrollo y su mayor innovación es la perspectiva comparada de los cuatro países de la región de la cuenca del Plata: Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay. (2020, p.01).

Gómez aponta que nesta obra, de autoria de Tomás Sansón Corbo se encontra uma referência para a compreensão de representações simbólicas criadas a partir do local e regional no esforço de construir uma memória e uma história da região platense.

Gómez menciona, ainda sobre este autor que:

Sansón Corbo reconstruye las relaciones existentes entre los diferentes protagonistas de los ecosistemas historiográficos del periodo y, a través de esa reconstrucción, muestra la conformación y la configuración de los campos historiográficos, el papel de los protagonistas, las estrategias utilizadas en el ejercicio de la profesión y en el proceso de consolidación dentro del campo de cada país (2020, p.01).



A autora destaca como o modo de produção do pensamento historiográfico é uma janela para acesso aos acontecimentos passados e ao exercício do saber historiográfico, visto que uma primeira geração era composta por pesquisadores não formados, ou seja, homens de letras, mais práticos e narrativistas que descreviam aquilo do qual faziam parte. essa forma, “las obras escritas, las instituciones creadas, las publicaciones periódicas y las lecturas realizadas son elementos fundamentales, entre otras cosas, para comprender el campo historiográfico de un periodo determinado” (2020, p. 1). E, especialmente sobre Corbo, afirma que:

El diferencial sustantivo de este libro [*El adiós a los grandes maestros*] es que además de presentar estos elementos, Sansón Corbo trabaja con las fuentes epistolares, lo que le permite revisar los itinerarios intelectuales, explicar los posicionamientos teóricos y las opciones heurísticas de los contemporáneos y de Pivel, así como identificar las influencias no Explicitadas (2020, p. 2).

A expressão “fonte epistolar” refere-se às correspondências escritas, que são utilizadas como fontes de pesquisa histórica. Na tradição historiográfica, o uso de fontes epistolares é valorizado pela riqueza de detalhes pessoais, sociais, políticos e culturais que essas “correspondências” podem oferecer, pois podem revelar informações sobre o cotidiano, as relações pessoais, as redes de sociabilidade, as opiniões e os posicionamentos de seus autores, que muitas vezes não estão presentes em outros tipos de documentos. Logo, nelas se observa os princípios da autenticidade e imediaticidade, da perspectiva pessoal, da rede de relações, do contexto cultural e do valor documental da fonte.

Esta caracterização da fonte epistolar, como mencionada por Gómez, encontrou plausibilidade no pensamento de Deleuze e Guattari e Benjamin. O contexto geográfico é uma territorialidade; mas para além do simplesmente geográfico é um lugar de produção de sentidos únicos, explícitos somente nesta temporalidade. O pensamento e o pensar, são territoriais – porque demarcam e tomam posse de um território – e territorializantes porque demonstram o saber enquanto exercício e sua possibilidade de ser dito de diversas formas, frente ao jogo político do tempo. É também “tempo-agora”, porque é efervescente, vulcânico, expresso pela letra de que vive e vê.

A produção historiográfica ou o livro no aspecto de seu conteúdo, é por excelência uma destas formas. Uma consulta ao texto mencionado por Gómez, *El adiós a los grandes maestros* de Tomás Sansón Corbo, encontramos um longo estudo sobre o pensamento historiográfico platense. Na página 25, ele faz referência e adota uma periodização para o pensamento historiográfico local.

Disse: “Ricardo Rivas propone una periodización en tres etapas en base a las influencias europeas que inspiraron y pautaron la evolución de los estudios históricos.” (Corbo, 2019, p.25). Tal evolução seguiu no sentido de propor uma história do pensamento em três etapas bem características.

La primera surge con la revolución y se prolonga, aproximadamente, hasta 1830. Tiene “sustento conceptual en la ilustración” y se caracteriza por “una literatura insurgente que recurría al pasado con instrumentos historiográficos rudimentarios para la época”. La ruptura revolucionaria propició la elaboración de los primeros relatos históricos por parte de contemporáneos de los acontecimientos como José Manuel Restrepo (Colombia, 1781-1863), Servando Teresa de Mier (México, 1763-1827), Carlos María de Bustamante (México, 1774-1848), Dámaso Antonio Larrañaga (Uruguay, 1771-1848) y Gregorio Funes (Argentina, 1749-1829).” (Corbo, 2019, p.25)

Portanto, como mencionamos, a origem remonta a letrados não historiadores, aqueles que foram contemporâneos aos acontecimentos.

Uma segunda fase, foi marcada pela presença de uma elite local, *las elites criollas*:

El segundo momento refleja “el sentimiento de las élites criollas hacia la nueva nacionalidad que se creía emergente, se desarrolló bajo inspiración romántica hasta la segunda mitad del siglo, dando origen a la primera historiografía latinoamericana”. Se caracterizó por la producción de un conjunto de letrados que escribieron bajo influencia liberal y romántica, [...] Compartían una visión esencialista de la nación, identificaron en el periodo colonial (y en algunos casos en el prehispánico) un conjunto de elementos (sociales, económicos, políticos y afectivos) que la prefiguraban.¹ (Corbo, 2019, p. 26)

Tal sentimento de elite produziu um conjunto de elementos sobre os quais configuram o pensamento historiográfico. Uma elite pensante, romântica e nacionalista que compartilhavam uma visão essencialista da nação, a partir de elementos típicos do período colonial.

E, por fim, uma terceira etapa que se situa no final do século XIX, no contexto da influência positivista e seu método crítico. Sansón Corbo disse a respeito que,

Los historiadores de esta fase completaron los relatos canónicos de historia colonial y revolucionaria. Actuaron bajo la influencia del positivismo, pero sin dejar completamente de lado la tradición romántica. Algunos de sus representantes

¹ O autor menciona que neste período se destacaron Vicente Riva Palacio Guerrero (México, 1832-1896), Vicente Fidel López (Argentina, 1815-1903), Francisco Adolfo de Varnhagen (Brasil, 1816-1878), Rafael María Baralt (Venezuela, 1810-1860), y Benjamín Vicuña Mackenna (Chile, 1831-1886).

más significativos fueron Bartolomé Mitre (Argentina, 1821-1906), Diego Barros Arana (Chile, 1830-1907), Francisco Bauzá (Uruguay, 1849-1899), Joaquín García Icazbalceta (México, 1825-1894) (Corbo, 2019, p. 26).

Identifica-se na narrativa do autor, aquilo que Deleuze descreveu como um processo de estabelecer limites, estruturas ou normas em um espaço que estava previamente desterritorializado ou fluido. Territorializar e reterritorializa é parte de um processo contínuo, onde o território não é fixo, mas continuamente formado e reformado através de interações e forças externas. Deleuze com Guattari, a esse respeito disseram que “territorializar é lançar um ponto fixo sobre fluxos que escapam, é definir um espaço de poder, é exercer uma influência sobre o conjunto das forças que o atravessam.” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 345).

É no intermedio desta (re) territorialização do pensamento e do poder, que se encontra Cecílio Báez, autor em foco neste estudo. Ele pertenceu a este período classificatório mencionado por Sansón Corbo como de “influência do positivismo, mas ainda com influências do romantismo”. Ele menciona que o caso específico da historiografia paraguaia, desto a dos demais países platenses: “la evolución de la historiografía paraguaya fue sensiblemente distinta a las de sus vecinos en la Cuenca del Plata” (Corbo, 219, p. 241). O autor atribui tal atraso ao isolamento territorial e cultural pelo qual passou o país. Identifica que “recién a partir del año 2000 se aprecia un clima epistémico (cultural, político e ideológico) propicio para la configuración de un campo específico.

Báez identificou uma heteronomia que condicionou a epistemologia do mencionado período, resultante deste atraso mencionado por Corbo. Segundo ele,

Es posible identificar en la larga duración una fuerte heteronomía del conocimiento histórico explicable por la acción confluyente de un conjunto de factores (aislamiento, “aislacionismo”, conflictos bélicos, inestabilidad institucional, autoritarismo gubernamental, exilio de intelectuales) que intervinieron en efecto inercial, retardando interpretaciones y revisiones profundamente nacionalistas y desalentando análisis cuestionadores de los relatos canónicos (Báez, 1903, p. 208).

Ou seja, tais condicionantes históricos impediram o desenrolar de um pensamento revisionista que questionasse a produção profundamente nacionalistas e canônicas. Heteronomia, são territorialidades e, por isso, afirma:

Durante buena parte del siglo XIX Paraguay careció de élites intelectuales capaces de forjar relatos históricos endógenos. Pasado el desastre de la guerra de la Triple Alianza - y en el marco de sus efectos inmediatos - fue necesario interrogarse sobre



sus causas y articular un imaginario colectivo aglutinador. Hubo un relativo despertar cultural (Báez, 1903, p. 208)

É importante destacar isto: foi necessário questionar suas causas e articular um imaginário coletivo aglutinador. Houve um relativo despertar cultural. Por isso disse o autor:

La historiografía paraguaya *stricto sensu* surgió con los novecentistas (Ignacio Pane, Blas Garay, Juan O’Leary, entre otros) y tuvo su momento fundacional con la célebre polémica entre Juan O’Leary y Cecilio Báez (entre noviembre de 1902 y febrero de 1903). La tesis defendida por O’Leary obtuvo amplio respaldo, cosechó la simpatía de buena parte de la sociedad paraguaya, se impuso como interpretación hegemónica y permitió, además, la articulación de relatos profundamente estal basados en una discursividad belicista que justificaría la acción de gobiernos autoritarios y regímenes autoritarios. (Corbo, 2019, p. 243)

Assim nasce a “simpatia” da sociedade e se impôs como interpretação hegemônica, do conflito, que justificou os autoritarismos.

Silvania de Queiróz Pfluck (2021), faz uma apresentação mais ampla dos principais novecentistas. Queiróz apresenta alguns nomes a mais dessa elite intelectual e se destacaram Blas Garay (1873-1899); Juan O’Leary (1879-1969); Manuel Domínguez (1868-1935); Fulgencio Moreno (1872-1933); Arsenio López Decoud (1867-1945); Ignacio Pane (1879-1920); Eligio Ayala (1879-1930) e Manuel Gondra (1871-1927). Nesse grupo, os mais velhos eram Cecilio Báez (1862-1941), Gregorio Benites (1834-1909), José Segundo Decoud (1848-1909) e Juan Silvano Godoy (1850-1926).

Também será neste mesmo contexto que, segundo dados de Brezzo, Yegros e Yegros, (2008), em 26 de junho de 1895, foi criado o *Instituto Paraguayo*, um espaço das *elites*, para as *elites*, dedicado à cultura, onde se estudava música, literatura, idiomas estrangeiros, estimulando-se a prática de exercícios físicos e o estudo da história. Em outubro de 1896, foi criada a revista História, Ciências e Letras, com o objetivo de difundir os conhecimentos científicos. A elite, a revista e o Instituto reuniram nomes e produtos historiográficos fundadores de uma pré-história do pensamento historiográfico paraguaio, pois atuaram neste período, historiadores não profissionais, mas homens de ofício político, diplomatas, literatos, contistas, dentre outros.

Capdevila (2007) registra uma tese importante para a compreensão de sentidos na produção historiográfica de Báez. Segundo escreveu em *Une Guerre Totale*: “a tese defendida por Cecilio Báez sobre a tirania paraguaia no início do século XX era próxima das análises desenvolvidas

por Laurent-Cochelet.”² (Capdevila, 2007, p. 283) e, páginas adiante que: “as análises de Báez sobre a tirania no Paraguai eram similares às de Laurent-Cochelet, especialmente no que se refere à visão de Francisco Solano López como um tirano feroz, levando a nação a um suicídio coletivo.” (Capdevila, 2007, p. 329). Portanto, Báez não é único autor das teses que foram apresentadas no seu livro, mas uma bem fundamentada defesa política. A leva a ter razão às críticas de O’Leary.

Também é relevante citar Barbara Potthast em *La Independencia Paraguaya y la supuesta homogeneización étnica de la joven Nación* (2022) quando afirmou que a obra *La tiranía en el Paraguay* de Cecílio Báez analisa profundamente as consequências políticas e sociais desse período, enfatizando como a tirania moldou a identidade paraguaia e influenciou o desenvolvimento do país. Disse ela:

En el siglo XX, Paraguay era considerado como el país mestizo por antonomasia. Esta idea se basa en una construcción de identidad que resaltaba esta característica, como señal de homogeneidad de la nación, una idea que siguieron muchos países latinoamericanos en esta época. (Potthast, 2022, p. 15)

Báez faz coro a uma reconstrução baseada na definição da identidade. O modo, no entanto, mereceu críticas, como as de Juan Emiliano O’Leary. E a polêmica deu-se por meio do editorial de dois grandes semanários jornalísticos da época: o *El Cívico* e o *La Pátria*. A partir de julho de 1902, Cecílio Báez apresentou 25 artigos no jornal *El Cívico* de Asunción, que deram origem à obra que aqui apresentaremos, e Juan O’Leary publicou 37 artigos no diário *La Pátria* sob o título geral de *El cretinismo paraguaio*. Este fato remete à questão de que não havia apenas a disputa sobre quem deveria escrever sobre a identidade nacional paraguaia, mas a partir de quais elementos ela poderia ser dita.

Como já apresentado acima, o texto em análise foi publicado na forma de artigos e veiculado pelo Jornal *El Cívico*. “*El Cívico*” foi fundado em 1896. Ele teve várias edições publicadas ao longo dos anos, incluindo 1897, 1898, 1899 e 1900. No entanto, o jornal encerrou suas atividades no início do século XX, especificamente em janeiro de 1900, segundo os registros históricos disponíveis.

Essa breve descrição nos apresenta dados de uma realidade política e cultural que aproxima nosso autor e obra.

2 Laurent-Cochelet era um diplomata francês que esteve no Paraguai durante a Guerra da Tríplice Aliança. A relação é de natureza intelectual, com Báez desenvolvendo análises sobre a tirania no Paraguai que se alinhavam com algumas das críticas feitas por Laurent-Cochelet em seus escritos sobre Francisco Solano López.



O Autor

Cecílio Báez nasceu em 1º de fevereiro de 1862, em Assunção. Era filho de Nicolás Báez e Faustina Gonzáles. Em 1882, se formou em Direito no Colégio Nacional da capital e, em 1893, recebeu o diploma de doutor em Direito e Ciências Sociais pela Universidade Nacional de Assunção. Além de advogado, atuou como professor de História e Sociologia na Universidade Nacional de Assunção, exercendo intensa atividade jornalística. Foi um dos líderes do partido Liberal, chegando a ocupar o cargo de presidente provisório do Paraguai, no período entre 1905 e 1906, segundo consta no Dicionário Biográfico (2000).

Publicou diversos textos. Em 1888, escreveu o artigo revisionista *El Dictador Francia* onde apresentava José Gaspar Rodríguez de Francia (1766-1840) como criador da nacionalidade paraguaia, embora também o apontou como cruel e vingativo. Em 1910, publicou o livro *El Dr. Francia: ensayo sobre la dictadura en Sudamérica*, republicado em 1985. Nestes escritos, defendeu teses liberais, sobretudo as que apresentaram o isolamento como causa da pobreza e da ruína do povo paraguaio.

Queiróz (2020) afirmou que Báez define a era de Francia como a “Idade Média paraguaia”. Ou seja, um tempo “*tenebrai et mora*”, de trevas e atraso. Afirma também que Báez possuía concepções político-ideológicas conversadoras, de cunho liberal e teria sofrido influência do positivismo comteano.

Seu principal polemista, Juan Emiliano O’Leary Costa y Urdapilleta Carísimo, nasceu em 12 de junho de 1879. Sua mãe era Dolores Urdapilleta Carísimo, paraguaia, veio da classe dominante, crioula. Ela fora perseguida durante o governo de Solano López. Seu pai, Juan O’Leary, argentino, chegou ao Paraguai nos anos finais da Guerra Grande e se casou com sua mãe. Um casamento entre paraguaio e argentino, neste período, para a classe crioula, causava mal-estar.

Juan O’Leary ingressou no *Colégio de Niños de Encarnación*, com seis anos, cursou o Instituto Paraguaio e finalizou seus estudos secundários no Colégio Nacional de Assunção em 1897, graduando-se como bacharel em Ciências e Letras. Em Buenos Aires, iniciou, sem concluir, estudos em Direito e Ciências Sociais, devido à morte de seu pai. Casou-se em 1902, aos 20 anos. Sem concluir um curso superior, dedicou-se por muitos anos ao periodismo e ao magistério (Dicionário Biográfico, 2000)

Durante a polêmica, Juan O’Leary publicou, no diário *La Pátria*, 37 artigos sobre o título geral de *El cretinismo paraguaio*. Tal expressão era de seu oponente, Báez, que ele usou na forma alegórica e irônica.

E assim, pelas letras, ocorreu o confronto entre Báez e Juan O’Leary. Este enclausurado e entrincheirado no *La Patria*; Báez entrincheirado no *El Cívico*.

Em 1902, em julho, Cecílio Báez iniciou a publicação no jornal *El Cívico*, de Asunción, a série intitulada *Estudios Económicos*, onde provocava Juan O'Leary sobre a economia local. Ness a série, Báez afirmou que a pobreza do Paraguai era culpa dos tiranos do passado e criticou a juventude paraguaia pela pouca memória do passado e pouco empenho nacionalista. Além disso, polemizou a origem da Guerra da Tríplice Aliança, tirando o seu peso econômico e colocando na pouca ou nula representação diplomática e no desejo pessoal de Lopes em provocar a Guerra. O'Leary reage, critica o modo de tratamento da juventude paraguaia e aponta sua mudança de postura frente à Tríplice Aliança, tornando-se amigo da Argentina: "El doctor Báez se ha calmado con los años, que para algunos son nieve que cuaja sobre el corazón. Él nos enseñó a protestar contra las infamias infinitas de los inmoladores del Paraguay." (Yegros; Yegros, 2011, p.69)

Báez reagiu em 17 de outubro, publicando o artigo "Optimismo y pobreza las ganancias de los bancos: males y reme dios", onde criticou a imprensa, a ganância dos bancos, a corrupção do governo, denunciando o secular despotismo e, finalmente, proferiu a sua polêmica frase sobre o *cretinismo* do povo paraguaio: "[...] que aquí el pueblo sigue siendo semejante a un cretino, a un ser sin voluntad ni discernimiento." (Yegros; Yegros, 2011). Veremos, em excertos de sua obra, que ele se referia à psicologia social que descrevia como "cretino" um tipo comportamental criado pelas estruturas sociais, mas que, devidamente informado, pode ser modificado. Na narrativa de Báez, está presente a descrição de um estado de atraso mental ou de desenvolvimento, cunhado como "atrasadas" ou "inferiores" socialmente, dada as condições de tirania a que foram expostos ao longo de décadas. Mas o termo também reflete uma visão eugênica predominante na época, que vinculava certas condições físicas ou mentais a questões de degeneração racial ou social. Daí a polêmica entre os autores.

Esta frente de batalha, feita por dois entrincheirados, colocavam em movimento as ideias-chaves, representações simbólicas de uma cultura que buscava consolidar uma identidade. Esses dois autores, mediante a polêmica veiculada por outros meios e atores, criaram um despertar para a necessidade sobre um país buscar e consolidar suas fontes de origem, pelo menos no que diz respeito a narrativas fundadoras de seu *ethos*, ou seja, de sentimentos de uma coletividade, de um grupo, de uma nação. E esses temas retomavam os fundamentos do grupo dos Novecentos na produção historiográfica paraguaia e as teses do evolucionismo. Retomando Deleuze e Guattari, uma territorialidade que demonstra o empenho de agentes históricos usando de recursos de seu tempo, para descrever e colocar na ordem cotidiana as identidades sociais.

Báez propôs na sua série de artigos que a Tríplice Aliança era desejada por Solano Lopes que queria reconquistas de territórios antes da coroa espanhola. Cecílio Báez propôs que a maior parte da população paraguaia fora exterminada por Solano López: "Parecieron tres cuartas partes de la población, o sea, 600 mil" (Yegros; Yegros, 2011, p. 152). A quantidade da população e o número



de mortos era uma mera afirmação sua. “Suponiendo que 50 mil hayan sucumbido en los combates y hospitales? Cómo habrán desaparecido los 550 mil restantes?” Ou seja, faltando mais de meio milhão de mortos em sua conta, propõe simplesmente que foram mortos por Francisco Solano López ou devido a ele. Entre as razões para tantas mortes estaria o desejo do presidente paraguaio de acabar com aqueles que pudessem vir a formar um novo governo (Yegros; Yegros, 2011, p. 208).

A obra

A obra a ser analisada é *La tiranía en el Paraguay*. Trata-se de 25 artigos publicados em jornais, que foram reunidos na forma de livro, e publicados, em 1903, pela prensa do El Cívico, jornal que publicou grande parte de seus artigos. Tais artigos foram produzidos em polêmicas com um outro autor do período e disputava o direito de narrar o conhecimento histórico, Juan Emiliano O’Leary Costa y Urdapilleta Carísimo.

O esplendor de Báez, no seu tempo, é imediatamente identificado na apresentação da obra feita pelo editor de seu livro, que de imediato permite uma captura do humor político em que autor e obra se inserem:

Los artículos del doctor Báez contienen tanto fondo de verdad y han despertado tal interés que el público ha pedido con insistencia que fueron coleccionados y publicados en folleto mediante una suscripción popular es pontá neamente of recida. Dichos artículos demuestran la pujanza del escritor y del polemista. Ninguna personalidad literaria le ha contestado. Solo el Vice-presidente de la República doctor don Manuel Domínguez impulsado por sus amigos del poder más que por convicción propia ha tratado de contrariar la tesis del tribuno liberal en una conferencia dada en el Instituto pero en una forma tímida y desgraciada de tal suerte que el conferenciante ha quedado desairado y se ha visto en la necesidad de recurrir al anónimo para contestar las rectificaciones del doctor Báez (Báez, 1903, p. 3).

Disputas narrativo-políticas postas, o Editor demonstra conhecer mais sobre o autor e seu propósito do que apenas recolher os textos jornalísticos e compor uma obra historiográfica. Disse ele:

El doctor Báez es el primero que ha formulado un inicio severo sobre la guerra con la Triple Alianza tan insensatamente provocada por el último tirano del Paraguay. Esta colección no es una historia completa de la tiranía. Se trata de artículos escritos para la hoja fugaz del periódico cotidiano al correr de la pluma y sin pretensión alguna literaria; pero al mismo tiempo que obra de crítica histórica es un estudio psicológico

de los efectos del terror en el espíritu del Pueblo en la sociabilidad carácter y costumbres nacionales. (Báez, 1903, p. 4)

O editorial deixa bem clara a reputação de seu autor e o alcance da obra: consegue dialogar com a psicologia nacional, com os sentidos psicológicos e históricos dos efeitos do terror no caráter e costume nacional. Por isso, mais adiante, resgatando sua biografia e seu intento, disse:

La propaganda del doctor Báez se ha inspirado en el más alto patriotismo: ella se encamina a abrir los ojos a sus conciudadanos para que contemplen seu passado ignominioso, vean el borde del abismo em que el país se encontra, aborrezcan la tiranía y amen la libertad y la justicia. El doctor Báez em resumen aspira a educar al pueblo en la escuela del civismo y em el amor de las instituciones libres sin las cuales la idea de pátria queda desnaturalizada y solo sirve para oprimir y esclavizar a los hombres. (Báez, 1903, p. 4)

São palavras panfletárias, mas muito bem direcionadas aos costumes, para que contemplem o seu passado ignominioso, vissem a beira do abismo em que o país se encontrava, odiassem a tirania e amassem a liberdade e a justiça. A obra de Báez, segundo o Editorial, deseja educar o povo para o civismo e para o amor em instituições livres, que, se assim não forem, servem para oprimir. Enfim, cria uma grande expectativa para o leitor e direciona o olhar para uma prática civil libertadora e promissora.

A apresentação da obra feita por Carlos Isassi também é bastante expressiva para configurar o momento de recepção da obra. Disse ele:

Bien es verdad que estas líneas no se dirigen a ponderar sus excelencias y a recomendarla a los lectores, porque el pueblo paraguayo entero le conoce ya y desde el hogar hasta la vida pública se han conmovido por los acentos sinceros, por las frases vibrantes del tribuno popular que, con sencillez inimitable, ha conseguido hacer repugnante al pueblo la Memoria de los déspotas que lo martirizaron y amables y deseadas las instituciones libres que, como fundamento de gobierno, son las únicas llamadas a obtener el summum de civilización, de progreso, de respetabilidad y de cultura para los pueblos. (Báez, 1903, p. 5)

Deixa claro que todos os seus leitores já conhecem o autor Báez e suas críticas de tribuno popular, que conduziu o povo a repugnar a memória de tiranos déspotas que os martirizaram, e coloca outras trilhas: que [ele, Báez] indica os rumos do fundamento de governo livre, civil e progressista,



com respeito à cultura do povo. E por fim, Carlos L. Isassi diz:

Con estos éxitos, con estas adhesiones, con el nombre del autor mismo no hay para qué recomendar al pueblo este opúsculo. Con razón será el libro del pueblo paraguay, su catecismo moral, el compendio de su religión política, la historia de sus cruentos sacrificios, el cuadro vivo de su martirio sublime al mismo tiempo que la promesa riente de su próxima e inevitable regeneración! (Báez, 1903, p. 5)

Catecismo moral, compêndio de religião política, história de seus cruentos sacrificios. São adjetivos profundos que lembram mesmo uma oração realizada quase como dever patriótico. No entanto, não nos enganemos, Báez não fará um culto ao herói, senão à sua crítica ácida. Ele aponta o sacrifício e a morte como resultantes da tirania a que ficou submetido o povo, resultando em uma psicologia tímida, sem ação, como local de ação das ditaduras tirânicas que se sobrepuja à vontade popular.

Este era o cenário produzido entre o periódico, a imprensa e políticos de oposição no início do século XX na cultura paraguaia. Este substrato cultural é fundamental para compreendermos a veiculação da obra e seus significados, embora não nos seja permitido, devido à limitação desta fonte, caracterizar sobre as formas de recepção. Contentemo-nos, por hora, em falar da sua produção de sentidos.

Corpo, identidade

A construção epistemológica de Báez pendula entre aquilo que vê no Paraguai de 1900 e aquilo que deseja venha a ser, quando algumas características comportamentais e culturais fossem superadas. O autor descreve a identidade nacional paraguaia como fortemente unida e homogênea, destacando a uniformidade de costumes, gostos, hábitos e sentimentos religiosos entre os habitantes. Essa unidade era vista como uma característica distintiva que transformava toda a nação em uma única família, e essa coesão social gerava um fervor patriótico intenso. De fato, ess e era o seu desejo.

Sua busca pela nacionalidade tinha como princípio os aborígenes: “los encomenderos tenían siempre en su casa todos los indios que les pertenecían de ambos sexos y de todas edades y los ocupaban á su arbitrio en clase de criados.” (Báez, 1903, p. 91) Início biológico; também início de supressão do caráter. Na sua odisseia, os jesuitas tiveram papel importante na formação da personalidade paraguaia:



Los jesuitas suprimieron la pena de muerte corporal pero condenaron a todos los indios a la muerte espiritual desde que esos desgraciados no tenían la menor idea ni de la personalidad humana ni de ningún derecho. Eran seres idiotizados ó cretinizados por la ignorancia más profunda. (Báez, 1903, p. 83)

Biologia forte, caráter destruído; mas era a natividade para um pensador Comteano. Idade evolutiva a ser superada. Em outra passagem da mesma obra, atribui aos portugueses a grande obra de captura de índios e destruição das Missões:

Las fundaciones de pueblos por los jesuitas no se deben exclusivamente á su celo y perseverancia sino á la circunstancia de las inmigraciones de indios provocadas por los mamelucos del Brasil. Estos bárbaros persiguieron con furor a los indios, los cuales llenos de pavor emigraron y vinieron a establecerse entre los ríos Uruguai e Paraná. Los jesuitas los acogieron y establecieron sus famosas misiones em esa región y em el Paraguay até a provincia de Chiquitos. (Báez, 1903, p. 92)

A obra das Missões foi para ele um acontecimento dúbio. Protegeu os índios, da mesma forma que os cristianizou ; mas serviu de aprisionamento quando os paulistas chegaram. A expulsão dos jesuitas poderia representar um sinal de liberdade para o indígena, contudo, "cuando los jesuitas fueron expulsados de América toda la Provincia entró bajo la jurisdicción del gobernador. Los gobernadores ejercían um poder tirânico sobre sus administrados.". (Báez, 1903, p. 93)

E inicia o isolamento cultural e exposição ao tiranismo. Passados os momentos tensos da história indígena, o autor ressalta o isolamento territorial e, por consequência, cultural do indígena como um elemento positivo, pois:

Puede decirse pues que al comenzar el siglo XIX la población del Paraguay sería de 100 mil habitantes criollos ó sea mestizos provenientes de la crusa de españoles con mujeres indias. Los diferentes pueblos de la República fueron en su mayoría formados ó por los conquistadores encomenderos ó por los jesuitas.". (Báez, 1903, p. 91)

A formação da identidade passava pela identificação da raça. O autor faz sobressair nas letras as qualidades do indígena e da natureza do território para demonstrar o meio que forma este homem. Sobre o colonizador, ressalta suas qualidades. Não, porém, as formas de governo. Quase ao final do texto afirma:



El paraguayo era superior al invasor como raza y en las energías que derivan de esta causa: em inteligencia natural, em sagacidad, em generosidad, em carácter hospitalario até em estatura, que dijo Azara, até em lo físico, que dijo Thompson, en el número de hombres blancos, que digo yo. Era um blanco sui generis, bravo, fuerte. Hubo unos pocos hombres de color en el Paraguay y em la guerra su inferioridad em empuje, em resistência se puso en evidencia : - em los primeros choques sucumbieron. (Báez, 1903, p. 243)

Era um homem branco, bravo, forte. E havia alguns homens de cor no Paraguai e, na guerra, ficou evidente sua inferioridade no impulso e na resistência: - nos primeiros confrontos, eles sucumbiram. Báez sugere que o filho de espanhol com índia era branco e superior em força física e inteligência que seus colonizadores. Na gênese identitária, a eugenia teria gerado a raça forte.

Na identidade há uma união de raças e também uma resistência formada pelo meio natural, da qual resultou a mestiçagem. O autor afirma que essa uniformidade foi essencial para a formação de uma unidade nacional coesa, onde todos os paraguaios pensavam, falavam e viviam de maneira similar, criando um espírito de união que tornava a nação uma entidade singular e independente.

La verdad es que a el paraguayo no le gusta de derramar sangre inútil... En ningún país hubo menos criminales que el Paraguay desde el coloniage; bajo Francia menos que antes, y del tiempo de don Carlos se dice que «los criminales eran casi desconocidos» (Demersay)... El paraguayo no era insensible porque era salvaje: de su carácter sufrido tienen la culpa la cruz o el alimento o ambas causas.” (Báez, 1903, p. 237-238).

Busca o autor alguns traços heróicos na colonização espanhola: em nenhum país houve menos criminosos do que o Paraguai desde os tempos coloniais; heróis ou criminosos, a miscigenação formou um caráter de defesa e luta pelo território nacional. O selvagem não era insensível; sua inação se explica ou pela cruz (a miscigenação) ou pela alimentação ou ambas. Novamente, Báez toca em ponto muito sensível na sua epistemologia nacionalista: seria a criolagem um ganho ou de um aspecto negativo para o Estado? Esta foi a grande dúvida: a eugenia da raça movida por Francis Galton (1883).

Báez narrava que a cultura contemporânea paraguaia tinha uma grande dívida com seus ancestrais indígenas. Ele menciona que os indígenas viviam em um estado de isolamento e eram frequentemente marginalizados pela sociedade dominante. Sua descrição inclui a observação de que eles possuíam seus próprios costumes e formas de vida; diferiam significativamente das

práticas coloniais e europeias, e resistiram bravamente, ora cultural, ora biologicamente.

Contudo, os nacionalistas não sabem reconhecer o valor cultural do indígena. Por força das teses evolucionistas de seu tempo, inscreve que os indígenas foram impactados pelas políticas e ações dos governantes paraguaios ao longo do tempo. Ele nota que os aborígenes sofreram sob regimes autoritários que buscavam controlar e subjugar-los, muitas vezes levando a uma erosão de suas culturas e modos de vida tradicionais. Isso o levou a concluir que “l os sucesores de aquel benemérito gobernante descuidaron enteramente la instrucción popular, como que su intento no era otro que buscar fortuna expoliando a los indios siervos de la gleba bajo el régimen de las encomiendas.” (Báez, 1903, p. 41) E nesse mesmo sentido descreveu o trabalho feito pelos religiosos jesuítas:

Cada reducción tenía su escola; pero no concurrían a ella sino um corto número de niños o jóvenes, los destinados al servicio del culto o a desempeñar algunos cargos concejiles. Aprendían a leer e escrever em guarani e a contar. Leían también el latín e el castellano, pero sin entenderlo. Les estaba prohibido em absoluto aprender la lengua española, por el temor que abrigaban los misioneros - dice el padre Cadell- de que la raza nueva se comunicase com la antigua.

O paraguaio, seu contemporâneo, se fortaleceu no sofrimento – o meio forma o homem. A ausência de formação cultural não possibilitou a formação dos espíritos. Porém, quando se tratava de trabalho braçal, os faziam melhor que os estrangeiros, como nas Obragens e na cultura da erva mate.

Y como sufre dolores el paraguay soporta trabajos que matan al extranjero... Sólo el paraguay puede con el pesado trabajo de los yerbales y del obraje... El paraguay, como el francés, es alegre hasta en los trances apurados. No le abate la desgracia, y en esto difiere del héroe a quien desconcierta el fracaso.” (Báez, 1903, p. 238-239).

Só ele pode sobreviver com o pesado trabalho dos ervais e das Obragens; é alegre como o francês, a desgraça não o abate e isso o difere do herói a quem o fracasso desconcerta. Báez, nestes termos, descreve os povos originários com um sentimento de perda, desde a biológica ao caráter. São as teses das *sciencias* do século XVIII.

O caráter

O homem paraguaio é, na sua caneta, uma miscelânea de natureza e cultura, sofrimento e



fortaleza: o meio cria o homem e, por isso, conclui:

Se preparaba los elementos de la futura nacionalidad debidos a ese espíritu de cuerpo, a la identidad de hábitos y de lengua, y a la lenta impresión del clima. El Paraguay será una nación con sello original y castizo... Se formó una unidad nacional, los paraguayos pensaban, hablaban, sentían, vivían de idéntica manera. Las mismas cualidades, los mismos defectos.”. (Báez, 1903, p. 240).

Original e autêntico, mas também puro, em um contexto de pureza racial ou cultural e genuíno para destacar a veracidade ou fidelidade a uma tradição ou costume. Um sentido multicultural, mas, ressaltam as qualidades morais e biológicas do homem paraguaio em gestação.

Esta unidade nacional, contudo, era a sua vontade, algo a ser construído, porque a história até então apenas reunia usurpadores do poder e ditadores que não incentivavam nem permitiam os valores nacionais nativos.

Sua esperança de construção nacional se fazia mediante a criação da escolarização e do cultivo da liberdade. Educar os a inteligência e o caráter seriam as vias para formação da cidadania plena e superação da cretinice. A conquista do nível da ciência, conforme os ditames de Augusto Comte.

Solo la instrucción y la libertad son edificantes; solo la escuela de la libertad es el arca de salvación de los pueblos. Eduquemos al pueblo paraguaio para oponer a nuestro pasado de infelicidad e abyección un porvenir de ventura, de regeneración y de progreso. Eduquémosle en la escuela del civismo, teniendo muy presente este pensamiento de Carlyle: «El lento veneno del despotismo es peor que las convulsiones de la anarquía». (Báez, 1903, p. 22)

Fica evidente que o autor não está defendendo qualquer modelo de educação. Defende um modelo pedagógico exercido de forma a considerar os valores culturais, raciais, os valores naturais e mediante um exercício de liberdade. Este exercício deveria remover ao esquecimento, porque realizado de maneira atroz, desumana pelos conquistadores e mesmo nacionais déspotas. Mas ao mesmo tempo, reconhece que o sofrimento forma o homem, o seu caráter, o seu modo de enfrentamento. A este respeito afirmou:

El pueblo americano había sido degradado por la tiranía y la ignorancia. Uno de los instrumentos de la degradación era el azote. Las penas eran todas degradantes: la horca, la marca, la argolla, el paseo en asno por las calles, etc. En la ejecución de las penas se hacía un lujo de crueldad. Los inquisidores quemaban y descuartizaban a



los hombres, les desconjuntaban los miembros en la catasta ó cruz de San Andrés, les atormentaban en el potro, les perforaban el pecho con un estoque y les echaban en el agujero plomo derretido (suplicio de Prisciliano), etc.". (Báez, 1903, p. 29)

Ou seja, o passado foi um tempo de ascese: sofrimento em diversos graus e modo. Mas que desse meio, resulta um homem forte, brilhante e capaz.

Nesta ascese, emenda que a gestão de Francia praticou terror semelhante com seu próprio povo:

El sistema del terror del doctor Francia fue un engendro de la educación colonial tanto como su política comercial. El doctor Francia continuó la obra del embrutecimiento y de la desmoralización del pueblo por la ignorancia, el aislamiento, la delación y la inhumanidad. [...] Durante la tiranía de Francia, el Paraguay era verdaderamente un cementerio de vivos sin exageración. [...] Los tiranos eran hombres sin entrañas, sin sentimiento alguno de humanidad.". (Báez, 1903, p. 37)

As formas de gestão da população do Estado foram, para ele, a forma mais degradante da moral da população. Sem liberdade, sem assistência e exploração excessiva da sua força de trabalho:

Tarde se sienten los efectos embrutecedores del lento veneno del despotismo que envilece a los pueblos y los amodorra en la miseria moral. Qué responsabilidad tão grande para nosotros que estamos obligados a educar al pueblo, a instruirle en sus derechos y a darle enseñanza de moralidad y civismo!". (Báez, 1903, p. 39)

Tarde, porém, uma luz possível: no seu tempo contemporâneo (1900), ele indicava as matrizes que deveriam ser impressas na nova geração de paraguaios por meio da educação, mas não qualquer educação; uma que fosse capaz de recuperar a virilidade intelectual e moral.

Hoy que la luz de la ciencia ha desvanecido tantos errores que oscurecían la inteligencia y extraviaban a los gobiernos; hoy que los santos principios de justicia y libertad dominan en las instituciones y constituyen el espíritu de nuestra gloriosa edad contemporánea; hoy que han sido suprimidas todas las barreras que la naturaleza creó merced a los progresos científicos y no hay ya ni Pirineos ni mares, debíamos de hacer práctica la libertad comercial como la política de la religiosa; práctica la fraternidad y prácticas la igualdad y la justicia.". (Báez, 1903, p. 63)



Princípios de uma nacionalidade: lei escrita, direitos e deveres, moral e caráter patrióticos. Daí o porquê de ele sugerir que se a má formação ou deformação do caráter ocorreu na história, estudá-la, compreendê-la e superá-la é a grande obra da civilização. Ela “la historia es una fecunda enseñanza.” O passado é algo sempre disponível, basta buscar ensiná-lo para agitar as multidões: “siempre que se quiera agitar la opinión y las muchedumbres no hay más que tocar ese resorte presentando a seus ojos los desfallecimientos y los heroísmos de los pueblos, sus grandezas e desventuras, la luz y la sombra de su historia”. (Báez, 1903, p. 64)

A história, segundo ele, ensina mais que os livros de filosofia. Recuperar os ensinamentos da história para despertar a consciência dos povos. Disse assim:

A los pueblos es ocioso suministrarles libros de filosofía porque no la entienden. Para despertar la conciencia de los pueblos hay que presentarles las enseñanzas de la historia en la forma que dejo indicada. Hay que presentar a su vista uno por uno y sucesivamente como las figuras de una linterna mágica, sus benefactores y sus tiranos con suas virtudes y sus crímenes para amar a los unos y odiar a los otros, para entusiasmarse por la libertad y aborrecer el despotismo y, consiguientemente, para saber defender su derecho ó combatir por él.”. (Báez, 1903, p. 74)

Após longa exposição do que viria a ser o ensinamento sobre a História do Paraguai e a necessidade de despertar e, enfim, ter uma nação como ele a concebia, feita pelo homem. E, ele conclui:

En el Paraguay nunca ha habido revolución en el verdadero sentido de la palabra. Una revolución puede ser política, industrial, comercial, literaria, económica, religiosa, social, científica y siempre implica la idea de un cambio , de una transformación . [...] No hubo pues ningún cambio substancial ni de carácter político ni de carácter social.”. (Báez, 1903, p. 73).[

E na sequência , define o que compreendia como revolução: “una revolución significa siempre el triunfo de una idea ó de una institución nueva sobre las antiguas, como un fruto ó el resultado de una lucha entre las unas y las otras.”. (Báez, 1903, p. 74)

E, por fim, conclui sobre este tema:

La libertad no es una mera fórmula ni una mera palabra. Consiste el gobierno libre ó el régimen de la libertad em el organismo de las instituciones políticas que garanten la vida, la propiedad, el honor, la libertad y los demás derechos individuales contra los



posibles abusos del poder, cuyas facultades quedan taxativamente determinadas y limitadas. (Báez, 1903, p. 75, com destaque em itálico no original).

Quase um catecismo de Augusto Comte, mas com uma grande matriz de pensamento que intercalava romantismo e ciência.

Ceifando: Benjamin, Deleuze e Guattari e Báez

Foi Walter Benjamin que disse que a memória em sua forma registrada, compilada, reunida e escrita, deve a sua existência não apenas ao esforço dos grandes gênios que os criaram, mas também à corveia anônima dos contemporâneos destes. Não há um documento da cultura que não seja ao mesmo tempo um documento da barbárie. E assim como a cultura não está livre da barbárie, assim também ocorre com o processo de sua transmissão, na qual ela é passada adiante.

Não significa dizer que a historiografia é resultado ou produtora de uma barbárie, mas resulta do esforço da interpretação e organização de uma identidade a um grupo como resultado de uma disputa “[...] que se mantêm vivas nessa luta como confiança, coragem, humor, astúcia, constância e seguem agindo até mesmo no passado distante. Elas sempre vão colocar em questão novamente toda vitória que coube aos dominantes”. (Benjamin, Benjamin, 1968, p. 117) Esta obra de Cecílio Báez, foi expressa a partir de um ecossistema do pensamento historiográfico, como expresso por Bárbara Gómez (2020), e mediato por uma territorialidade local. (Deleuze; Guattari, 1995) Walter Benjamin coloca no narrador o papel de intermediador entre o passado e o presente. Disse:

O cronista que narra os acontecimentos sem distinguir os grandes dos pequenos leva em conta a verdade de que nada do que já ocorreu pode ser considerado perdido para a história. Decerto apenas a uma humanidade redimida cabe a totalidade do seu passado. (Benjamin, 1968, p. 113)

Báez e os autores dos Novecentos são estes personagens que estão no liame entre o ver, constatar e desejar. Olha o passado com um olhar qualificado, de *cientista*, homem das letras e dos Institutos. Correlaciona passado e presente; seleciona ocorrências potenciais da cretinice e do heroísmo. Desta relação, como se fosse apenas uma questão de eugenia, propõe a formação de uma cultura forte, hígida e democrática.

Fazer sobreviver o passado no presente é criar e manter a tradição. E para Walter Benjamin o historiógrafo é hábil neste labor. Ao passarmos a exame a obra de Cecílio Báez, sua narrativa sobre o passado épico, retrata uma narrativa que edifica uma tradição. Os corpos hábeis, fortes, a defesa do território, a conservação dos costumes – motivos pelos quais os algozes os exploraram



– se encontram numa redenção e mediante a revelação de uma verdade: os algozes raptaram dos homens a sua liberdade. Isto os transformou em “sombras de humanos”, fantasmas. A liberdade devolveria a astúcia. E isto deveria ser uma conquista através da revelação feita pela escolarização, não filosófica, mas histórica. Baéz encontra Benjamin!

E Báez desfila pistas territorializadas e territorializantes do tempo, o tempo do Novecentos. O pensamento lógico de Báez são sentimentos de territorialidade como definido por Deleuze e Guattari, porque propõe uma estabilidade sentimental, racial e de caráter. Suas fontes são os grandes acontecimentos: tratados, conflitos, disputas diplomáticas, grupos étnicos, colonizadores, povo, nação, liberdade, leis escritas. Todas essas fontes organizadas de forma a demonstrar um ponto crítico e sua superação, sua evolução do modo como indicava a física social. E até este ponto podemos concordar com Walter Benjamin que as fontes bárbaras ou não utilizadas pelo historiógrafo e sua versão são prolatadas no sentido de conservação da tradição.

No entanto, o historiador faz escolhas. Pode escrever o seu texto de maneira linear, mas a história não é assim. Ela é como um rizoma, com múltiplas entradas e saídas, conexões imprevisíveis e inter-relações complexas

A partir de Benjamin, a análise da obra e do autor Cecílio Báez, seu tempo, o grupo dos Novecentos, o seu espaço – a região platense, compreende-se que essas experiências caracterizaram uma *agencement* – uma rede ou assemblagem de elementos heterogêneos que se organizam temporariamente para realizar determinadas funções ou produzir certos efeitos. Deleuze e Guattari a nomearam como agenciamento.

Diriam que um agenciamento é espaço de poder, mas não de pleno controle; apenas de possibilidades. Uma matéria não fixa, mas móvel, potencialmente explosiva, puro devir que gerará descontrole ao invés de repetição. Estas explosões puderam ser vistas nas reações ao pensamento de Báez, aqui apontadas nos escritos dos Novecentos e de Baéz Mas não são repetições, são a diferença.

La différence n'est pas ce qui varie suivant l'accident ou la qualité. Elle est d'abord ce qui varie suivant l'essence ou la forme. Une essence est différence et une forme est variation. La différence dans la chose est la forme intérieure de ce qui se distingue.”
(Deleuze, 1968, p. 76)

Ou seja, a diferença não é aquilo que varia conforme o acidente ou a qualidade. Ela é primeiramente aquilo que varia conforme a essência ou a forma. Por sua vez, uma essência é diferença e uma forma é variação. Assim, Baéz dialoga com um ecossistema de pensamento, mas não se retrata a mesma coisa, ou da mesma forma. Seu modo é único, seu desejo, sua vontade, sua ação política.



Deleuze rejeita a ideia de que a diferença é subordinada a uma identidade. Báez dialoga, diverge, critica. É desvio ou variação de uma essência original frente ao tema identidade, porém, quando seu pensamento é sua ação o devir se manifesta e foge o sentido formando uma outra territorialidade. Deleuze vê a diferença como uma força criativa que está sempre em movimento e transformação, nunca estática ou completamente compreendida dentro de um sistema fixo. Logo, a grande missão à qual interpela Báez, que é devolver a liberdade de pensamento e construir um povo autônomo, cioso de si e de seu entorno territorial e político, é um movimento do possível. Nem mesmo as formas de tortura social e sujeição antropológica, ao modo que ele caricaturou, retornarão. Outros modos de violência, sim; modo idêntico, não. Mas mesmo estes dispositivos não têm a característica da repetição, e sim a da diferença. Segundo a tradição positivista, estava no horizonte da física social atingir a repetição, o igual a si mesmo, o coletivo, a superação evolutiva. Mas Deleuze e Guattari se opõem a este pensamento.

Báez, a partir da Escola, do Periódico, do livro, da teoria sociológica, da Diplomacia, do Instituto, e até mesmo (isto não se pode afirmar com esta fonte) do seu desejo político paritário, colocou em funcionamento estes dispositivos de verdade para produzir esta verdade como em uma física social.

Conclusões

Decorrido este deslindar de fontes e teorias, é possível extrair algumas conclusões sobre como a obra de Cecílio Báez, o grupo dos Novecentos, em diálogo com as ideias de Walter Benjamin, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Bresso. É possível apontar como estes autores podem contribuir para a compreensão da historiografia do início do século XX, especialmente no contexto da Guerra da Tríplice Aliança e da produção historiográfica dos autores do Novecentos.

Benjamin sugere que o historiador deve libertar a tradição do conformismo, uma tarefa que Báez assume ao desafiar as narrativas dominantes e ao propor uma visão crítica sobre o passado paraguaio, especialmente sobre figuras como Francisco Solano López. Com a *sciencia* de seu tempo propõe a formação identitária com heroísmo do passado como forma de reestruturação pós-Guerra da Tríplice Aliança. Positivista e romântico, propõe a eugenia e a formação de um sujeito forte, cioso e moral para enfrentar a fraqueza de caráter forjado nos períodos de política tirânica.

Sua escrita, e a historiografia dos Novecentos, são como sombras (*Umbra* em latim) que criam liames entre o desejo e a realidade. No Novecentos esta *umbra* era física e social, capaz de medir a evolução da primitividade à conquista da ciência. Assim deveria ser a obra da miscigenação: somar o que havia de melhor em cada raça, a começar pela indígena. Isso, para Báez, poderia ser acelerado com a escolarização.



Os conceitos de desterritorialização e reterritorialização, se aplicam à obra de Báez no sentido de que ele tenta dismantelar (desterritorializar) as narrativas tradicionais e reconfigurar (reterritorializar) a identidade nacional paraguaia. A crítica de Báez, à herança tirânica de Solano López e seu esforço para reconstruir a história nacional, reflete essa dinâmica Deleuze-Guattariana.

Além disso, o agenciamento também é visível na obra de Báez como uma tentativa de criar novas redes de significados e identidades em torno da história do Paraguai, particularmente na forma como ele narra e interpreta os eventos da Guerra da Tríplice Aliança e as projeta a grandes movimentos como a escolarização, por exemplo e nos Institutos formadores do caráter nacional. Este legado deixado por Báez convida a pensar sobre o papel da memória na construção da identidade nacional.

Referências

BÁEZ, Cecilio. **La tiranía en el Paraguay**. Asunción: El Cívico, 1903.

BENJAMIN, Walter. **Theses on the philosophy of history**. In: *Illuminations*. Tradução de Harry Zohn. Nova York: Schocken Books, 1968.

CENTURIÓN, Carlos R. **Historia de la inmigración en el Paraguay**. Asunción: Editorial El Lector, 1988.

CERNA VILLAGRA, Sarah P.; VILLALBA PORTILLO, Sara Mabel; MERELES PINTOS, Roque; TAMAYO BELDA, Eduardo. **Paraguay's political system from authoritarian hegemony to moderate pluralism (1954-2019)**. In: GANSON, Barbara (Org.). *Native peoples, politics, and society in contemporary Paraguay: multidisciplinary perspectives*. 1. ed. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2021. p. 73-108.

CORBO, Tomás Sansón. **El adiós a los grandes maestros. Juan E. Pivel Devoto y la Historia en América en las décadas definitorias (1930-1950)**. Montevideo, Archivo General de la Nación, 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mille plateaux**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Différence et répétition**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

GÓMEZ, Bárbara. **Tomás Sansón Corbo, El adiós a los grandes maestros. Juan E. Pivel Devoto y la Historia en América en las décadas definitorias (1930-1950)**, Montevideo, Archivo General de la Nación, 2019, 270 páginas. Rev. RES GESTA, n. 56, Instituto de Historia – Fac. Der. y Cs. Ss. del Rosario – UCA. Rosario – Argentina, Año 2020.

QUEIRÓZ PFLUCK, S. de. Hernández Díaz, José María; Pozzer, Adecir; Cecchetti, Elcio. (coords.). (2019). **Migración, interculturalidad y educación: impactos y desafíos**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 862 pp. Aula, 27, 367–370. Recuperado a partir de <https://revistas.usal.es/tres/index.php/0214-3402/article/view/26470>.



Informações Adicionais

Biografia profissional:

É doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente, é docente associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, participando de cursos de graduação e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Sociedade, Cultura e Fronteiras. Dedica-se a pesquisas sobre micro-história regional e filosofia da História, com diversas publicações e orientações acadêmicas. Integra e lidera o grupo de pesquisa “Hermenêutica da Ciência e Soberania Nacional”, que envolve docentes e alunos do Paraguai

Endereço para correspondência:

Avenida das Torres, Nº 200, Cascavel, Pr, Br
CEP: 85.806-095

Financiamento:

Não se aplica

Conflito de interesse:

Nenhum conflito de interesse foi declarado.

Aprovação no comitê de ética:

Não se aplica.

Modalidade de avaliação:

Duplo-cega por pares.

Preprint

O artigo não é um preprint.

Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Os conteúdos subjacentes ao artigo estão nele contidos.

Editores responsáveis

Rebeca Gontijo – Editora-chefe
Martha Rodriguez - Editora executiva

Histórico de avaliação

Data de submissão: 28 de junho de 2024
Data de alteração: 06 de agosto de 2024
Data de aprovação: 17 de setembro de 2024

Direitos autorais

Copyright © 2025 José Carlos dos Santos



Licença

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

